

ENTRE LIVROS, LINHAS E HISTÓRIAS

Jeime Andreia Dávalo Gonçalves
Universidade Regional de Blumenau - FURB

Adriana Fischer
fischer.furb@gmail.com
Universidade Regional de Blumenau - FURB

Resumo O presente trabalho tem como objetivo relatar parte da história de letramento de uma senhora, que mora com o filho, a nora e quatro netos na cidade de São João Batista –SC, analisando a existência da prática de leitura e escrita no ambiente familiar e buscando vestígios de interferências do convívio familiar nas práticas individuais de letramento desta senhora. Para esse estudo, a metodologia de pesquisa é qualitativa, com observação e entrevista semiestruturada, através das quais o sujeito relata suas experiências de letramento. Com a análise dos dados, observa-se que os letramentos fazem parte da rotina diária do sujeito, que as relações de poder são evidenciadas através do relato da senhora que valoriza a leitura em detrimento da escrita, e que a família interfere diretamente nas práticas e atividades letradas através das tecnologias.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Escrita. Relação de poder.

1.Introdução

Nossa pesquisa pretende abordar a história e práticas de letramento individuais de uma senhora de 57 anos, costureira, que mora com o filho, a nora e quatro netos na cidade de São João Batista - SC.

O motivo central que nos motivou a estudar as práticas de letramentos individuais deste sujeito em especial vem do fato de que apesar da mesma ter frequentado pouco a escola, até os dias de hoje, esta senhora deposita grande importância aos estudos e aos livros, disseminando a prática da leitura.

Utilizaremos o pseudônimo “Emília” para identificar o sujeito da pesquisa, nome este escolhido com base no livro preferido de sua infância e adolescência, o Sítio do Pica Pau Amarelo, do autor Monteiro Lobato.

Com esta pesquisa estudaremos as práticas de letramentos individuais deste sujeito, objetivando analisar a existência da prática de leitura e escrita no ambiente familiar, juntamente com a interação entre o indivíduo da

pesquisa e as tecnologias, buscando vestígios de interferências do convívio familiar nas práticas individuais de letramento desta senhora.

2. Metodologia

A pesquisa em desenvolvimento se caracteriza como qualitativa, que para Bogdan e Biklen (1994, p.47), tem como "fonte direta de dados o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal". Em uma investigação, que os autores apresentam como descritiva, "os dados são recolhidos em forma de palavras, não de números".(BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.47)

Para geração dos dados utilizamos a observação que "permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos e se revela de extrema utilidade na descoberta de aspectos novos de um problema" (LUDKE; ANDRÉ, 1986,p.45) e entrevista semiestruturada, focalizando em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais (MANZINI 2004).

A entrevista e observação foram realizadas na residência da senhora Emília, sendo que a entrevista foi gravada em áudio e transcrita na íntegra. O material resultante desta entrevista foi apresentado e discutido com o sujeito após a transcrição.

Ao ser questionada sobre as suas práticas de letramento, que "são modos culturais e gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado" (BARTON, 1991 p.5 apud STREET, 2014, p.18),a senhora Emília, sujeito desta pesquisa, remete imediatamente às lembranças de sua infância ao relatar:"*Amava ir à escola, tinha que ir andando a pé, descalço, tinha dia que era frio, eu não tinha lápis, não tinha borracha, nem caderno, ganhava as folhas dos outros, mas eu queria aprender*". Logo, como apoio à metodologia adotada nesta proposta, baseamo-nos em discussões concernentes aos estudos dos letramentos, a exemplo de Street (2014), bem como em observações de campo e em depoimentos do sujeito da pesquisa. Neste caso, usa-se o termo sujeito "para designar o indivíduo com

sua história[...] que em sua interação com o mundo constrói suas representações[...]”. (MORETTO, 2007, p.15).

Portanto, os dados advindos das observações e dos depoimentos da senhora Emília serão foco de discussão na seção seguinte deste artigo.

3. Discussão e análise dos dados

Ao relatar a sua história vivida, a senhora apresenta as diferenças existentes entre o passado e o presente, sobre a forma como as famílias enxergam a educação das crianças: *“Não era como hoje, a gente era muito pobre, morava no meio do mato. Eu é que queria ir pra escola, eu acordava cedo para convencer meus irmãos a ir, se eles decidiam que não, o pai e a mãe não deixavam eu ir”*.

Esta fala da senhora Emília deixa claro que para os seus pais a permanência dos filhos na escola não era uma prioridade, sendo que hoje se defende que *“a educação exige um compromisso dos adultos na atuação familiar, escolar e social”*. (VEQUI,2010, p.23)

A senhora Emília afirma que conseguiu concluir a quarta série primária, e que neste período em que esteve na escola desenvolveu a habilidade da leitura e da escrita, deixando claro o quanto é significativo para ela ler e escrever diante das dificuldades enfrentadas pela mesma para conseguir estudar. Para Street (2014, p. 17), *“as condições sociais e materiais afetam (se é que não determinam) a significação de uma dada forma de comunicação[...]”*.

Com a conclusão da quarta série, (hoje quarto ano do ensino fundamental), para prosseguir nos seus estudos, Emília necessitaria mudar de escola. Diante desta realidade, foi impedida de continuar estudando, já que morava longe da nova escola, e seus pais não permitiram que ela fosse à escola sozinha.

Ao apresentar este dado a mesma afirma, com relação à distância de sua casa até a escola: *“Daria umas duas horas a pé só pra ir, mas eu queria ter continuado”*. Após esta fala, a senhora Emília se cala por alguns segundos, como se relembando esta vivência. Para Placo e Souza (2006, p. 29), *“a memória faz e refaz, afasta e aproxima. Utiliza objetos, indícios, imagens,*

palavras como verdadeiros passaportes para cenários de prazer, alívio e dor, trazidos para a situação atual”.

Hoje a senhora Emília trabalha como costureira, e ao observar as práticas de letramento existentes no seu atelier de costura, nos chama a atenção a quantidade de livros, revistas encontradas no espaço.

Encontramos em seu atelier, vários produtos de eventos de letramento, folhas com receitas retiradas da internet, cadernos com anotações em que a senhora Emília controla e registra dados do seu cotidiano.

Naquele ambiente também se observam alguns suportes de escrita que pertencem a outros membros da família, pois, como havíamos afirmado anteriormente, moram com a senhora, seu filho, a nora e quatro netos, sendo que três destes netos estão no ensino fundamental.

Dentre as anotações individuais da senhora Emília encontradas nos cadernos, podemos citar desde quantidades de horas de trabalho até receitas de chás, relações com todas as medidas de clientes para a confecção das roupas até orações e receitas de bolos. Outras informações como contas a pagar e a receber, números de telefones, horários de compromissos também podem ser encontrados em seus cadernos de anotações. Observa-se que esses dados são anotados de forma aleatória, sem um padrão de organização dentro dos cadernos.

Quando a senhora Emília relata que sempre gostou de ler, nos baseamos em Street (2014, p. 9), ao afirmar que “as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos”, para relacionar a quantidade de livros encontrados no atelier da senhora Emília com a sua história de vida e o gosto pela leitura que ela traz consigo desde a infância.

No momento em que pegamos alguns livros em mãos, a senhora Emília observa, e relata imediatamente: *“Eu gosto de ler, tinha um baú de livros, o pai contava pra todo mundo que eu gostava de ler e eles mandavam pra mim, e a noite eu lia pra todo mundo lá em casa, tinha vizinhos que iam lá em casa ouvir eu ler as histórias dos livros, principalmente o livro do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Sempre gostei de ler”*. Essas palavras de Emília nos remetem ao texto de Moretto, que destaca: “Devemos lembrar um princípio fundamental

da linguagem: quem dá sentido ao texto é o contexto”.(MORETTO, 2003, p.62)

Quando Emília afirma que, sua família, seus vizinhos, que não dominavam com facilidade a leitura, ou que não tinham o mesmo contato com os livros, se deslocavam até a sua residência para que ela lesse para eles as histórias contidas nos livros, que somente ela tinha acesso, surge ali em seu discurso a visão “que um sujeito letrado tem de si, dos outros, das relações de poder e dos objetos/artefatos disponíveis para participar de práticas sociais”. (FISCHER; PELANDRÉ, 2010, p. 570)

Este relato, em que a senhora relembra seus livros e as leituras realizadas em sua infância e adolescência, afirmam o quão significativos foram aqueles momentos, reafirmando a importância que ela atribuía ao ato de ler, diante também desta demonstração: “reforça-se então o caráter social, situado e histórico do letramento, responsável por caracterizar a *condição* letrada de um sujeito, em um situado espaço da sociedade e em um particular momento histórico de sua trajetória pessoal e social”. (FISCHER; PELANDRÉ, 2010, p. 570)

Como Emília declara em seu depoimento, que por vezes tinha como ouvintes, para suas leituras, sua família e seus vizinhos, diante deste relato, não podemos deixar de abordar que, no mesmo contexto de Emília, estas leituras também atribuem sentidos e importância para seus ouvintes, a ponto de saírem de suas residências para ouvir estas leituras realizadas por ela. Sendo assim, pode-se afirmar que estes sujeitos “por meio de interações verbais,[...] agem, pensam, valorizam e interagem de maneira conjunta, sincrônica com a linguagem, com vários artefatos e objetos, tais como os gêneros discursivos. (FISCHER; PELANDRÉ, 2010, p. 570)

Quando mencionamos o seu relacionamento com as tecnologias, a senhora relata: “*Eu quero fazer um facebook pra mim, quero aprende a mexer no computador e no celular, pra não ter que pedir pros outros*”.A senhora ainda conclui:“*Gosto de ficar olhando as fotos no facebook, vendo as meninas mexer no computador (navegar na internet), ver quem tá bonito, quem tá feio, quero também comprar um celular bom, pra ter um Whatts App pra falar com as pessoas, o meu não dá, é antigo*”.

Existe por parte da senhora interesse em interagir através das tecnologias. Para Possari (2005, p. 96), “interagir é ser humano. Num processo de interlocução é trocar com outros os saberes, os afetos, os desafetos”. A autora ainda completa: “Os textos eletrônicos são os que mais possibilitam a interatividade”. (POSSARI, 2005, p.96)

Dentro deste contexto, prosseguimos nossa observação, tendo como objetivo conhecer as práticas de letramento individuais desta senhora, averiguando a possível existência de evidências da interação entre as práticas de letramento dos outros membros da família com as práticas individuais do sujeito da pesquisa. Segundo Marques, “Quem não sabe o que procura, quando encontra não percebe”. (MARQUES,1997, p.14)

3.1. Práticas de Emília

Podemos observar no decorrer desta pesquisa que a senhora Emília faz uso das tecnologias, gosta de acessar a internet, no celular e no computador, mas para isto necessita da ajuda de sua nora e das duas netas, pois não domina totalmente estas ferramentas. “*Gosto de ver eles mexendo na internet*”, fala a senhora, que também utiliza a internet como ferramenta de trabalho, realizando pesquisas sobre modelos de roupas e assuntos diversos. Esta afirmação demonstra que esta senhora interage com a família, a qual auxilia em suas práticas através das tecnologias.

Com as análises podemos observar inicialmente que a família interfere nas práticas de letramento desta senhora, quando a mesma afirma “*Gosto de ver eles mexendo na internet*”, sendo que, sem saber realizar pesquisas na internet, a senhora Emília as faz com auxílio.

Essas ações podem ser comprovadas através de material impresso retirado da internet encontrado em seu atelier, nas mensagens que a senhora envia pelas redes sociais, mais especificamente pelo Whatts App, utilizando o celular e a conta de suas netas, juntamente com o relato da mesma que afirma acessar as redes sociais, e que para isto pede ajuda.

Quando questionada sobre o uso da escrita, a senhora relata: “*Uso muito pouco, pra falar bem a verdade, hoje eu gosto mesmo é de ler. Não*

tenho muita imaginação para escrever, quase não uso não.” Sendo assim, a senhora se baseia na falta de criatividade para justificar, segundo ela, o pouco uso da escrita. Para Marques, a criatividade não é um bicho que se agarre, “ela surge do inopino, nos interstícios, nos sonhos da imaginação vagamundos, de forma que, quando menos se espera, escrever é preciso”. (MARQUES, 1997, p.15)

Apesar da declaração anterior, quando questionada sobre em que momento ela faz uso da escrita, a senhora Emília afirma: *há, eu escrevo, as medidas das minhas clientes, faço lista de compras pra não esquecer de nada quando vou no mercado, pra anotar as contas que tenho que pagar, o que tenho fora (referente a cobrança de seus serviços como costureira), essas coisas.*” Quanto a esses dizeres, pode-se afirmar que as formas de realizar, de participar de práticas de letramento, incluindo a leitura, a oralidade e a escrita, são modos culturais de utilização da linguagem e nelas estão implícitas relações de poder”.(FISCHER, 2010, p.216)

Conforme abordado anteriormente, observou-se a existência de vários produtos de eventos de letramento: cadernos, diversas anotações em que a senhora Emília anota dados importantes do seu dia a dia, e os consulta sempre que necessário. Sendo assim, podemos afirmar que a senhora Emília “busca no escrever a superação de seus problemas, de suas dificuldades e crises, num esforço de transcender a si mesmo na afirmação do próprio estilo”.(MARQUES, 1997, p.45)

Neste contexto, Souza e Sito (2010, p. 37) afirmam que “As práticas de uso da escrita implicam processos de construção identitária que ocorrem na vivência de modelos culturais de ação no mundo [...]”

Observa-se, ainda, que apesar de o sujeito desta pesquisa afirmar que “usa muito pouco a escrita”, para ela, a escrita é uma necessidade, um meio de comunicação e de registro no seu cotidiano, “nos discursos, inserem-se as linguagens sociais, as quais assumem relevância e sentido através deles” (FISCHER; PELANDRÉ, 2010, p. 571).

A senhora Emília afirma que dentro das práticas de letramento, o foco do seu interesse está na leitura, mas ao ser questionada sobre a representatividade destas leituras no seu dia a dia, ela afirma que não

identifica nenhuma representatividade, que *“a leitura não a influencia a minha vida, é somente algo que eu gosto de fazer”, “isto me interessa, eu acredito, os outros acreditando ou não, eu leio com todo prazer”*.

Segundo Street (2014, p. 91), “toda análise de outros modos de pensar e crer implica algum procedimento [...] no sentido de que tenta representar a coerência e a ‘racionalidade’ subjacentes a afirmações ou comportamentos aparentemente estranhos[...].”

Ainda, neste contexto, Street afirma que esta abordagem de cunho investigativo “exige um conhecimento íntimo do contexto social do sujeito e das instituições que conferem sentido as suas ideias e crenças [...](STREET, 2014, p.91), o que nos remete ao motivo subjacente desta declaração, com apoio do seguinte depoimento: *“Isto me interessa, eu acredito, os outros acreditando ou não, eu leio com todo prazer”*. Este dizer da senhora Emília está intimamente relacionado ao tipo de livros que faz parte da leitura desta senhora, livros estes que são, em sua grande maioria, obras de autores que defendem a doutrina espírita.

Na contramão à afirmação anterior, ao defender que *“a leitura não influencia a minha vida, é somente algo que eu gosto de fazer”*, Emília relata uma postura a partir de suas leituras: *“Eu olho a morte de outra forma, eu vejo a morte de outra forma, é só uma passagem para o outro lado.”*

A leitora, convencida das verdades apresentadas nos livros, e cuidadosa com suas relações familiares e sociais, afirma *“ Gosto de contar para os outros sobre o que eu leio, parei um pouco, tenho medo de ficar chata, nem todo mundo acredita”*.

Apesar de sua declaração, afirmando que a leitura não tem nenhuma representatividade em sua vida, as atitudes apresentadas e o posicionamento com relação aos conteúdos dos textos lidos demonstram algo diferente, já que ela se posiciona, defende e divulga as crenças e ideologias contidas nestas leituras. Ela mesma reconhece, mesmo sem perceber, a importância da leitura em contexto social.

5. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo relatar parte da história de letramento de uma senhora que mora com sua família na cidade de São João Batista– SC, analisando a existência da prática de leitura e escrita individual no ambiente familiar, buscando vestígios de interferências do convívio familiar nas práticas individuais de letramento do sujeito da pesquisa.

Com este estudo pode-se observar que os letramentos fazem parte da rotina diária do sujeito, que valoriza os livros e as leituras, prática esta que ainda hoje faz parte do seu dia a dia.

Encontramos algumas contradições entre o que o sujeito realiza e suas afirmações, no que diz respeito à escrita e com relação à representatividade da leitura no seu cotidiano. A senhora Emília afirma não utilizar a escrita com frequência, e encontra-se uma quantidade significativa de material escrito pela mesma, com registros de dados relevantes do seu cotidiano, que servem muitas vezes de material de consulta para assuntos pessoais. Ela também afirma que os textos lidos não têm nenhuma representatividade no seu dia a dia, mas, por outro lado, divulga, se posiciona sobre o conteúdos lidos, entre as pessoas do seu convívio, reconhecendo, mesmo sem perceber, a importância da leitura em seu contexto social.

Observou-se também, através dos dados, que o letramento familiar interfere nas práticas individuais de letramento desta senhora, através das novas tecnologias, auxiliando-a no acesso à rede através do uso do computador ou do celular.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto. Porto Editora.1994.

FISCHER, A. Sentidos situados em eventos de letramento na esfera acadêmica. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2010

FISCHER, A. PELANDRÉ, N. L. Letramento acadêmico e a construção de sentidos nas leituras de um gênero. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 569-599, jul./dez. 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

Disponível em

<<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2237/1505>>

Acesso: 06 jul. 2015.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** Ijuí, Unijui, 1997.

MORETTO, V. P. **Planejamento: Panejando a educação para o desenvolvimento de competências.**3.ed. Petrópolis, Vozes,2007.

VEQUI, V. P. **Educação e família: Dimensões afetiva, cognitiva e social das crianças.** Itajaí, Casaberta, 2010.

MORETTO, V. P. **Prova: um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas.** 3.ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. S. Fios que se entrelaçam: a função da memória na aprendizagem de adultos. In: PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. S.. **Aprendizagem do adulto professor.** São Paulo, Loiola, 2006. p.25-39.

POSSARI, L. H. V. Educação a distância como processo semiodiscursivo. In: PRETI, O. (Org); NEDER, M. L. C.; POSSARI, L. H. V.; ALONSO, K. M. **Educação a distância: Sobre discursos e práticas.** Brasília, Liber Livro, 2005, p.91-108.

SOUZA, A. L. S.; SITO, L. Letramentos e relações raciais em tempos de educação multicultural. In: VÓVIO, C.; SITO,L; GRANDE, P.(Orgs) **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada.** Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.29-50.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.**São Paulo, Parábola, 2014.